

O jogo literário e suas regras

Lourival Holanda*

Desde já alguns anos o Itaú Cultural persegue a meta de incrementar e mapear as pesquisas e produções brasileiras no setor cultural – cinema, artes cênicas e música –, distribuídas em eixos temáticos pelos quadrantes do país. O *Rumos Literatura 2007–2008* tenta dar conta das tantas inscrições de representações e do imaginário das interações sociais na produção literária contemporânea em sua diversidade e em sua função de construtora de identidades culturais.

Mapeamento e acompanhamento importantes para se ter uma idéia clara de como, no momento, o país se pensa, cria e representa. Uma certa democratização dos meios resultou na vertiginosa plethora da produção atual. Os tantos trabalhos recebidos testemunham isso. Contrariamente ao que se prognosticou num primeiro momento, as novas mídias não fizeram arrefecer a produção literária. A prática literária vai bem, se levarmos em conta o número considerável de textos que essas mídias veiculam. Tal democratização dos meios não deixa de acarretar certas limitações. O excesso de textos em circulação quase equivale a um anonimato. A rapidez do movimento pode inviabilizar a pertinência de muitos. O inferno, ontem, era o isolamento dos que não podiam publicar, propagar suas idéias – basta ver o Canto IV do Inferno, onde Dante se compadece dos que não podiam dar ao público suas produções. A internet criou uma *res publica literarum* que dá a todos um largo espaço para suas experimentações de escrita. A questão agora é saber se a bem justa expressão de si é critério suficiente para validar-se como literatura. E aqui não há porque escapar à necessidade de conceituar o que em dado momento – o nosso, por exemplo – se define como literatura. O pesado arbítrio destas definições, ontem, não dispensa, hoje, a coragem de enfrentá-las. Sem isso, por que uma comissão se arvoraria em escolher alguns projetos como mais pertinentes? O jogo literário, como qualquer outro, tem suas regras – que um edital circunscreve apenas local e circunstancialmente.

O que está em questão é algo mais abrangente. Como mapear as tantas expressões da cultura literária deste momento? Um primeiro passo é saber o que se produz, no leque largo das experiências literárias atuais. Depois, um cotejo com o que foi, até então, definidor de valor para gerações ainda recentes. O terceiro passo, e o que pede mais atenção, é tentar ver, nessa produção, o que é expressão de um momento e o que é já um sinal de redirecionamento da estética literária contemporânea e encarna a dissidência dos novos tempos.

Em 2007, foram cerca de 600 trabalhos apresentados e 269 pré-selecionados; uma enorme variedade temática, dentro do recorte que o próprio programa sugeria: literatura brasileira desde os anos 1980. O critério de avaliação teve que optar pela coragem do arbítrio: entre aquilo que é expressão de um dado momento e aquilo que responde a certo critério de qualidade consensual. (Ainda que os tempos se tenham tornado agrestes a valorações, como se seu risco eliminasse sua necessidade.) Em *Crítica Literária* os projetos traziam excelente intenção. Uma de suas novidades foi a insistência na crítica e na poesia em outros meios que não só o impresso. Publica-se pouco a poesia, o que encarece seu custo. Já a internet multiplica as *minorias*. O que antes era tido como *nicho* agora ganha um número expressivo de leitores-produtores. Talvez o fenômeno responda, a seu modo, ao expurgo econômico e a certa indiferença ou negligência acadêmica com a tradição poética. Sua teimosa permanência parece ser um feliz fenômeno cultural contemporâneo. Não há como enxugar a praia que o mar molha.

A concepção de literatura resultante das temáticas apresentadas é sinal de outro direcionamento e sintoma de sua alteração: uma ênfase no imediato, em seguir a rapidez das propostas midiáticas. A reflexão perde o passo para a produção quase compulsiva. A espontaneidade, essa assombração de um romantismo mal-entendido, tem seus charmes – e, sobretudo, seus riscos. A que vem uma literatura tão somente ocupada em preencher espaços em egos inflados, a léguas daquilo a que os filósofos árabes medievais chamavam *intelectus agens*? Antes, o valor veio da satisfação e da surpresa de certa sintaxe, compreendida como organização perceptual de mundo; ou mesmo de certas situações insólitas, com que, às vezes, uma linguagem paradoxal alargava nossa visão das coisas. Pode não ser mais um critério, esse – especialmente se pensado sob a insígnia do *pós-humano*... Mas alguma coisa em nós ainda resiste na defesa de certa pertinência social da literatura, sem que isso implique em qualquer messianismo ou entrincheiramento de posições anteriores. Literatura é ainda uma atividade transformadora, de auto-alteração criadora, estendendo à sociedade um espelho de suas possibilidades. E extensão de um imaginário social que, sem ela, fica às vezes mais vulnerável às utopias

políticas letais. Memória social, não menos que individual: *sucessivos palimpsestos que descobrimos em nós* (Murilo Mendes).

Alguns projetos propõem fazer um levantamento da produção crítica dos últimos anos e dos novos espaços que ela ocupa, como os sites e os blogs. É uma forma necessária de buscar ver tanto os deslocamentos valorativos como a incidência dos novos meios sobre a própria constituição – e definição – da crítica. Quando alguém se propõe a mapear e a compor um quadro crítico da poesia contemporânea, não se estranha que vá buscar lá, onde a poesia marca presença num bom ritmo de circulação: os novos meios midiáticos. Ou, a *inserção da literatura no ciberespaço*. É interessante saber até onde a crítica, acadêmica ou jornalística, acompanha essa produção – e com que mecanismos de análise trabalha. O meio editorial reconhece a dificuldade de venda de poesia. No entanto, isso está longe de justificar uma suposta *insignificância* da poesia no corpo social: sua significativa circulação, em blogs e sites, talvez aponte uma remanescente seminal da poesia, a despeito dos tempos. Ou respondendo a eles.

O espaço aberto de certos sites, como o Overmundo, um exemplo entre tantos, leva a reconsiderar o lugar crítico da demarcação convencional anterior. O leitor é instado a participar, reagindo à recepção de modo mais dinâmico e imediato. Um outro tempo, um outro ritmo. Ainda aqui o fenômeno pede uma pausa para a análise do pesquisador: a rapidez do ruído dessa circulação pode levar a pensar que no barulho ela recobra seu brio. Ou, dito de outro modo: o acesso faz, *ipso facto*, o escritor? O eco da voz de tribuno, comum a alguns críticos que marcaram o passado ainda recente, torna cômodo calar sobre as definições. Mas, por mais imenso, o mar tem margens: o grande laboratório de invenção, louvável espaço de debate e divulgação da produção crítica, carece de repensar o sentido e o alcance da crítica no momento atual. Se não, a crítica, perdendo sua função de aposta de análise desveladora, se tornaria mero serviço mercadológico. Como a literatura que, perdendo seu sal perturbador, é rapidamente absorvida pela indústria do livro – ainda que atualmente tão festejada em festivais – e fica reduzida a divertimento vendável. Talvez sinal positivo de uma maior democratização do livro. Embora nem tudo o que penetra a massa a fecunde.

Nas propostas de Produção Literária há variação e permanência. Novas dicções e outras direções temáticas: a voz encarcerada, literalmente, vem fazer ver o mundo de uma outra perspectiva. (Talvez porque o sujeito que ali se diz, está roubado de seu destino pelo seqüestro de sua possibilidade de voz – diferente de um Graciliano Ramos, a quem aquela situação depauperava mas não o despossuía de si.) Um outro olhar, como o proposto com base em Luis Ruffato, sobre o cotidiano urbano. Em outro momento é a questão da *entidade* nacional que agora reage à rigidez de representação anterior com a noção de hibridez, noção mais larga e mais justa para dizer a heterogeneidade da cultura brasileira, como as propostas a partir de Milton Hatoum, Lourenço Mutarelli ou Marcelino Freire. Ou a temática, tão presente na sensibilidade contemporânea, levantada desde autores como Caio Fernando Abreu ou Hilda Hilst: do conceito superficial, corrente, de pornografia, às funduras do limite da experiência e da linguagem. O que se pode esperar destes novos pesquisadores é uma visão de conjunto mais aclaradora da produção literária contemporânea. Um largo arco aqui se ergue em promessa: como a tradução, essa prática, cada vez mais presente, fecunda e perfaz o perfil do escritor-tradutor. Como a escrita dos blogs reflete na linguagem e nas técnicas de composição, transformando a dimensão autoral nas novas gerações. Com Cláudio Daniel, enfim, prometendo um painel crítico, necessário e oportuno, numa revisão da poesia brasileira. A aposta do *Rumos Literatura* é ousada. Mas o grande ganho pode ser de todos.

***Lourival Holanda** é professor de teoria literária da Universidade Federal de Pernambuco (UFP). Atua principalmente nas áreas de história e construção do discurso literário.